

Incertezas no plantio



O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou a prorrogação para março e abril de 2006 das parcelas das dívidas de custeio de algodão, arroz, milho, soja, sorgo e trigo, referentes à safra 2004/05, que já venceram ou vencerão este ano. Segundo os Ministérios da Agricultura e da

Fazenda, a medida contemplará todos os produtores do País, envolvendo R\$2 bilhões em dívidas. Não será preciso assinar termo aditivo contratual para se beneficiar da decisão do CMN. Basta comprovar a armazenagem do produto colocado como garantia do crédito, nas operações de custeio da safra de grãos.

Os produtores beneficiados com a prorrogação somente poderão obter crédito com recursos controlados, para lavouras da safra de verão 2005/06, até o valor correspondente à diferença entre o limite autorizado para a nova temporada agrícola e os valores das operações envolvidas na concessão de prazo adicional de quitação. Por exemplo, se o limite do custeio for de R\$400 mil e o produtor tiver prorrogado R\$50 mil de sua dívida, ele poderá tomar um novo empréstimo de R\$350 mil.

A medida significa melhora da condição do produtor para a comercialização e o pagamento da dívida, sem prejudicar de modo significativo a disponibilidade de recursos para financiar o plantio da safra 2005/06.

Por sua vez, a Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados autorizou o governo federal a renegociar R\$12,6 bilhões de dívidas já vencidas de cooperativas e pro-

dutores rurais. O valor resulta de parcelas não quitadas acima de R\$30 bilhões, objeto de repactuação a partir de 1995.

Existem cerca de um milhão de produtores e cooperativas ameaçadas de ações de execução e de impossibilidade de contratar novos empréstimos. Estão excluídas na renegociação as dívidas relativas à lei de Securitização, ao Programa de Revitalização de Cooperativas de Produção Agropecuária (Recoop) e ao Programa Especial de Saneamento de Ativos (PESA).

As dívidas que vencem neste ano chegam à cerca de R\$8 bi-

lhões. O alongamento da dívida é uma das medidas de socorro anunciadas e levadas a cabo pelo governo. O pleito continua com a renegociação de dívidas de securitização e dos Fundos Constitucionais de safras anteriores a 2004/05 e o aumento dos limites de custeio para a safra 2005/06.

A combinação entre a quebra da safra e o dólar menos convidativo às exportações deixará como saldo, em 2005, a queda da renda agrícola ("da porteira para dentro"). Em seu último levantamento, baseado em dados de julho, o IPEA sinalizou que a renda das 20 principais culturas

Mundo: produção e estoque de grãos (milhões de toneladas)

Produto	Produção			Estoque		
	2005/06	2004/05	var. %	2005/06	2004/05	var%
Total (1)	1.955	2.035	-3,9	353	394	-10,4
Trigo	610	624	-2,2	140	148	-5,6
Grãos forrageiros(2)	939	1.009	-7,0	148	173	-14,3
Arroz	406	401	1,2	66	73	-10,6
Milho	663	709	-6,4	112	128	-12,5
Algodão(3)	112	120	-7,2	51	51	1,1
Grão de soja	217	214	1,1	45	44	1,0
Farelo de soja	145	138	5,5	2	2	-2,2
Óleo de soja	34	32	5,5	51	51	1,1

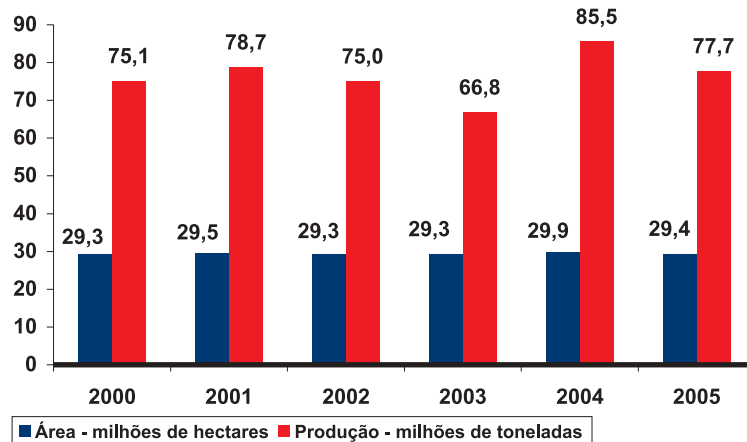
Fonte: USDA. Setembro/2005

(1) trigo, grãos forrageiros e arroz beneficiado

(2) milho, sorgo, aveia, cevada e centeio

(3) milhões de fardos de 480 libras peso

EUA: área e produção de milho



Fonte - USDA

Como fica a área plantada?

No caso da soja, a previsão é de queda, sem expectativa de haver, ao menos, manutenção de área plantada no Brasil. Já a produção poderá ter aumento em torno de 15% a 20% sobre as 50,4 milhões de toneladas na safra 2004/05, marcada pela quebra da colheita na região Sul. A maior oferta do carro-chefe do campo brasileiro deverá encontrar preços próximos da média histórica em 2006.

É bastante factível uma projeção do bushel entre US\$5,80 e US\$6,40 no primeiro semestre de 2006, ante os US\$7,54 de 2004 e os US\$6,10 dos primeiros seis meses deste ano. De acordo com o relatório do USDA de setembro, a previsão é de o bushel variar de US\$5,15 a US\$6,05 na safra 2005/05.

As cotações encontraram suporte na demanda mundial aquecida pelas previsões de crescimento econômico e na queda dos estoques finais, entre outros. A colheita americana, que entra na sua fase mais acelerada, será menor. Os efeitos do Katrina em cidades agrícolas às margens do Mississippi prejudicam o escoamento da produção e pressionam para baixo os preços dos produtos. A previsão de um aumento da fatia sul-americana nas exportações mundiais traz um cenário mais alentador depois da crise nas lavouras brasileiras no ciclo 2005/06.

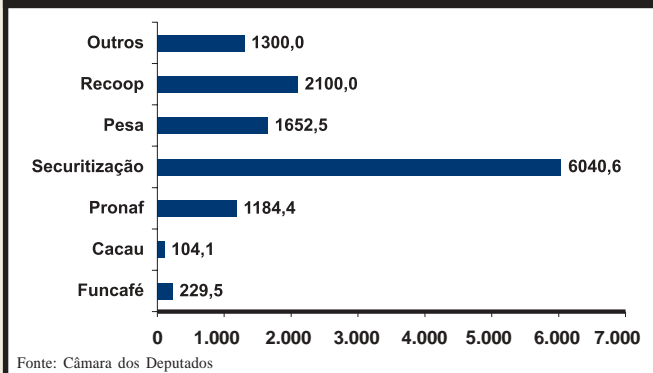
Se a soja deverá perder espaço para o milho na região Sul, nas áreas tradicionais de cultivo do Centro-Oeste, o quadro é outro, face à baixa produtividade do milho. No total, a produção brasileira de cereal tende a crescer 15% na safra 2005/06, ante os 36,955 milhões em 2004/05. Os preços internos atuais do milho não estimulam o agricultor a deixar a soja em algumas regiões. A safrinha de inverno de 2006 deverá ser beneficiada. As exportações devem seguir paradas por conta do câmbio atual.

deverá somar R\$97,567 bilhões neste ano, ante os R\$109,468 bilhões em 2004.

O agronegócio, de modo geral, exporta uma parte muito grande da produção e perderá competitividade no mercado externo com a manutenção do câmbio atual.

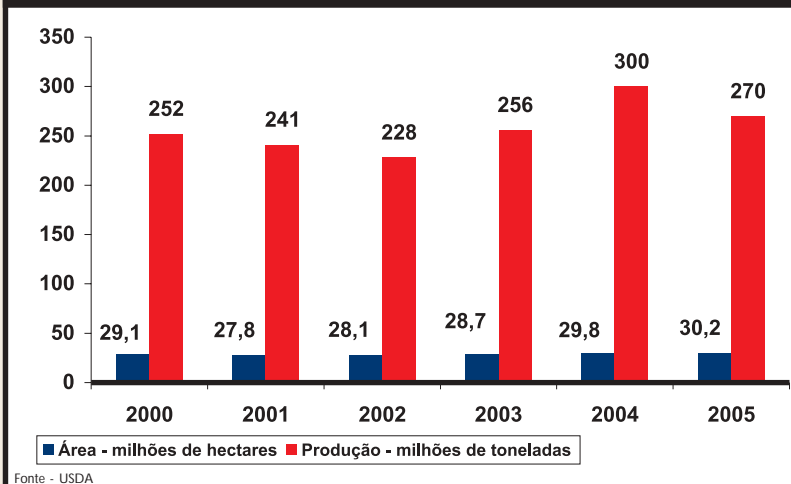
Perto de fechar as contas para iniciar o plantio da nova safra de verão, os produtores aceleram as compras de insumos agropecuários. O objetivo é 'casar' o dólar barato com os preços no mercado internacional. Plantar com um dólar entre R\$2,40 e R\$2,50 e vender, em outubro ou novembro, com uma cotação pró-

A dívida do campo (em R\$ milhões)



xima a R\$2,70, pode amenizar a crise vivida pelo setor, com o descasamento de custos de produção e cotações e da quebra de colheita deste ano. Um fato é certo e concreto: o campo reduzirá a tecnologia adotada no plantio e cultivo das lavouras. ■

EUA: área e produção de soja



Decreto sobre sementes transgênicas

O governo autorizou o uso de sementes próprias de soja transgênica - produzidas pelos agricultores gaúchos na safra 2004/05 - no plantio da próxima safra 2005/2006, conforme decreto presidencial nº 5.534, publicado no Diário Oficial da União em 08 de setembro de 2005. A medida visa suprir a falta de sementes certificadas, cuja oferta cobria apenas 10% das necessidades dos produtores gaúchos.

O problema é que o Rio Grande do Sul teria apenas 1 milhão de sacas de sementes de soja convencional e outras 600 mil sacas do produto transgênico, ambas certificadas. Isso representa 10% da demanda estadual. Daí o decreto liberar o produto sem certificação. Sem esse amparo legal, os bancos não poderiam financiar os produtores.

O decreto é específico para o Rio Grande do Sul, onde o plantio de uma área expressiva com um grão transgênico, sem identidade genética e de origem desconhecida, desestruturou o setor de sementes certificadas. É importante frisar que para a safra 2006/2007, os agricultores terão de comprar sementes certificadas para o plantio. Até lá, a oferta de sementes no Estado estará normalizada. Nos demais Estados, o percentual de sementes certificadas é de 70%.

Exportação em ritmo recorde

Nos oito primeiros meses de 2005, as exportações somaram US\$ 28,661 bilhões, recorde histórico para períodos de janeiro a agosto e 10% acima do valor exportado no mesmo período de 2004. No acumulado do ano, as importações cresceram 5% em relação a igual período do ano anterior, totalizando US\$3,352 bilhões. Como consequência, registrou-se um superávit de US\$25,309 bilhões, recorde histórico para períodos de oito meses.

Os destaques são os aumentos dos valores exportados pelos seguintes grupos de produtos: carnes (33,3%); açúcar e álcool (62,5%); café (57,5%); fumo e tabaco (24,3%); frutas, hortaliças e preparações (6,6%); e leite, laticínios e ovos (16%). Em termos de produtos, é importante destacar o crescimento das exportações de carne bovina in natura (37,9%); frango in natura (25,8%); carne suína

(70,9%); café em grãos (63,9%); açúcar (66,4%); álcool (43,7%); e leite (40,3%).

Na composição por destinos, as exportações aumentaram para quase todas as regiões geográficas: Mercosul (18,7%); Nafta, exceto México (4,3%); Europa Oriental (66,4%); Ásia (6,2%); Oriente Mé-

dio (4,9%); e África (33,9%). A União Europeia foi nosso principal comprador, com 32,7% das exportações totais; seguida pela Ásia, com 19,4%; e Nafta, com 14,8%. Europa Oriental, Oriente Médio e África foram os destinos de 8,8%, 7% e 6,6% de nossas exportações, respectivamente. ■

Brasil - balanço comercial do agronegócio

PRODUTO	JAN a AGO/2005 (a)			JAN a AGO/2004 (b)			VAR.(%) (a/b)	
	EXP	IMP	SALDO	EXP	IMP	SALDO	EXP	IMP
COMPLEXO DE SOJA	6.567.644	81.251	6.486.393	7.597.343	83.920	7.513.423	-13,6	-3,2
CARNES	5.240.615	60.913	5.179.702	3.931.034	50.116	3.880.918	33,3	21,5
AÇÚCAR E ÁLCOOL	3.003.305	225	3.003.080	1.848.023	276	1.847.747	62,5	-18,5
MADEIRA E SUAS OBRAS	2.541.501	55.696	2.485.805	2.428.006	50.347	2.377.659	4,7	10,6
PAPEL E CELULOSE	2.189.581	555.241	1.634.340	1.917.235	483.062	1.434.173	14,2	14,9
COURO, PELES E CALÇADOS	2.053.155	146.082	1.907.073	1.911.700	137.995	1.773.705	7,4	5,9
CAFÉ, CHÁ, MATE E ESPECIARIAS	1.772.246	16.453	1.755.793	1.112.791	16.569	1.096.222	59,3	-0,7
FUMO E TABACO	1.113.241	19.861	1.093.380	895.462	15.864	879.598	24,3	25,2
ALGODÃO E FIBRAS TÊXTEIS VEGETAIS	863.126	153.437	709.689	836.957	215.942	621.015	3,1	-28,9
SUCOS DE FRUTAS	794.597	86.623	707.974	761.409	55.700	705.709	4,4	55,5
FRUTAS, HORTALIÇAS E PREPARAÇÕES	369.560	254.637	114.923	346.609	189.829	156.780	6,6	34,1
PESCADOS	262.455	177.102	85.353	276.388	159.030	117.358	-5,0	11,4
CACAU E SUAS PREPARAÇÕES	240.647	91.774	148.873	200.895	60.085	140.810	19,8	52,7
CEREAIS, FARINHAS E PREPARAÇÕES	237.021	791.600	-554.579	792.321	938.382	-146.061	-70,1	-15,6
LEITE, LATICÍNIOS E OVOS	108.154	98.022	10.132	93.276	62.858	30.418	16,0	55,9
BEBIDAS	41.113	98.188	-57.075	34.850	84.704	-49.854	18,0	15,9
BORRACHA NATURAL	260	172.608	-172.348	470	147.767	-147.297	-44,7	16,8
DEMAIS PRODUTOS	1.262.930	492.616	770.314	1.039.763	441.227	598.536	21,5	11,6
TOTAL GERAL	28.661.151	3.352.329	25.308.822	26.024.532	3.193.673	22.830.859	10,1	5,0

Fonte: SECEX/MDIC: Análise das Informações de Comércio Exterior - ALICE - Elaboração: DPIA/SRI/MAPA

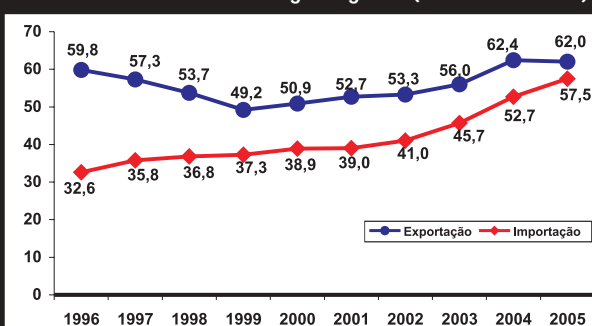
Saldo comercial do Brasil está acima do dos EUA

Embora com quebras nas safras dos dois últimos anos, além da recente valorização do real frente ao dólar, o saldo comercial do agronegócio do Brasil mostra caminho inverso do dos Estados Unidos. De 1996 a 2005, a diferença das exportações com as importações brasileiras foi de US\$12,2 bilhões para US\$31,6 bilhões, enquanto a dos norte-americanos recuou de US\$27,2 bilhões para US\$4,5 bilhões.

Até os anos 90, as grandes fontes de divisas nacionais eram o café e o suco de laranja. Depois, surgiu o complexo da soja, e em seguida, as carnes bovina e de frango. Hoje, a diversificação é ampla entre um conjunto de cadeias produtivas. A cada ano, praticamente aparece uma novidade de produtos na pauta de exportação do País. Também com relação ao destino dos embarques, se assiste a uma extensão do leque.

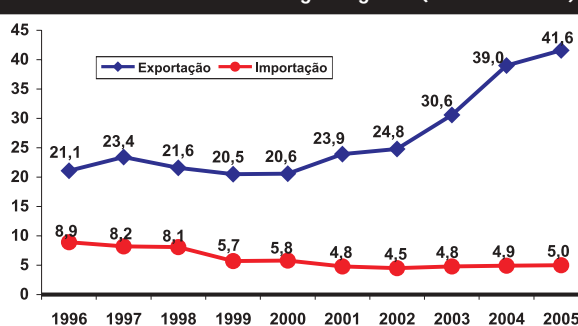
Da parte dos Estados Unidos, a maior dificuldade tem sido as exportações, que sofreram abrupta queda no final da década passada e somente agora conseguem superar níveis de dez anos atrás. Os maiores problemas foram de origem sanitária. Já nas importações, houve um forte avanço e o volume quase duplicou, de 1996 a 2005. ■

EUA: saldo comercial do agronegócio (em US\$ bilhões)



Fonte: USDA

Brasil: saldo comercial do agronegócio (em US\$ bilhões)



Fonte: SECEX